

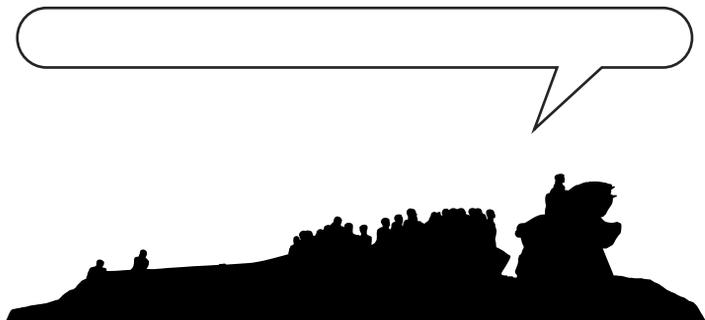


# **O ROUBO DO MONUMENTO ÀS BANDEIRAS**

*tragédia rupestre*

guto lacaz





# **O ROUBO DO MONUMENTO ÀS BANDEIRAS**

guto lacaz

edson kumasaka

Mistério!

Neste domingo, São Paulo amanheceu sem seu principal cartão-postal.

O maravilhoso Monumento às Bandeiras.

Ao ser retirado o tapume que o cercava para as obras de restauro, o monumento havia desaparecido!

O que aconteceu?

Impressionante!

Como foi possível sumir algo gigantesco e pesadíssimo, na calada da noite?

Logo pensaram: coisa do Louvre ou do British Museum, que possuem tradição nesse mister.

Os sem-terra assumiram a autoria do roubo – o maior da história da arte, até então.

Disseram que todos os integrantes da Bandeira, fora os dois a cavalo, haviam se rebelado e se unido ao movimento – do monumento para o movimento.

Mais tarde voltaram atrás e desmentiram; era apenas um golpe de mídia.

A polícia não sabia por onde começar, tratava-se de uma ocorrência inusitada, sem antecedentes na chefatura.

Mesmo assim, o B.O. foi aberto. O maior, até então.

Do lado mais obscuro surge uma luz: os espíritas

ofereceram um caminho par as investigações.  
Chamado em uma mesa branca, Victor Brecheret baixou e falou: “Calma, calma, o monumento deslocou-se por seus próprios meios e por sua própria conta”.  
Trata-se de um monumento com princípios ideológicos radicais e espírito de equipe.

Belo, forte, impávido colosso,

discutiram em assembleia e decidiram:  
Deitado eternamente em berço esplêndido,  
queriam sair dessa, conhecer o mundo, ver de perto  
seus pares e saber se – espelho, espelho meu:

Existe alguém mais belo do que eu?

Victor completou que todos se acalmassem, pois,  
no devido tempo, voltariam ao local de origem,  
sob formoso céu, risonho e límpido.av



Sua primeira parada foi no Borba Gato.  
Moravam na mesma cidade e não conheciam o ilustre colega, muito de ouvir falar, gigante pela própria natureza, queriam suas good vibes.  
Não poderiam partir sem seu saludo.  
Borba Gato deu o maiorrr apoio, disse que se divertissem e que seguissem tranquilos, pois continuaria de sentinela guardando a cidade contra seus inimigos, e prometeu manter sigilo.

Silêncio monumental.

Disse que, se quisessem ser revestidos de pastilhas e cacos, conhecia um fornecedor ótimo.  
Pedi apenas uma lembrancinha, quando retornassem.



Tempos depois, beduínos afirmam tê-lo visto petrificado  
de perplexidade a admirar as pirâmides do Egito.  
Quarenta séculos o contemplaram.  
Tutancâmon tremeu na tumba!  
Cleópatra pegou um índio para um sexo selvagem.  
Ramsés sentiu coceira nos pés.



Le jour de gloire est arrivé !

Em manhã ensolarada, os franceses, eufóricos, viram-no solenemente atravessar o Arco do Triunfo.

“Liberté, égalité, fraternité, brecheré”, proclamaram!

Bandeirinhas e Mirages em formação davam as boas-vindas aos ilustres plebeus.

“Viva o colonialismo!”, gritavam, ao admirarem o tecnocontraste:

da pedra lascada ao supersônico.

Magnifique!



“Não podemos deixar de passar no Parthenon”,  
disse o último membro, aquele que há anos empurra  
sozinho a canoa, para fazer alongamento.

Atenas é fundamental.

Pitágoras amou, viu na composição, um grande triângulo  
retângulo, Tales de Mileto considerou o conjunto muito  
bem proporcionado, e Arquimedes, ao ver a canoa,  
teve um insight e exclamou: EUREKA!



Queriam conhecer a resistência do aço à tensão e a frequência de ressonância da centenária Brooklyn Bridge. Resistiu, numa boa, à vibração e ao peso pesado da turma toda que a atravessou, deslumbrada, singing *New York, New York*.



Circundaram Stonehenge – os cavalos empinaram!  
Apreciaram deveras a misteriosa mandala megalítica  
Celta. Mas acharam-na meio mal-acabada e ofereceram  
seus serviços. Mesmo assim, aproveitaram para fazer  
um ritual pagão, pedindo o fim da luta de classes,  
a distribuição da renda e a paz mundial.



Ao soar solene da Internacional, marcharam friamente na Praça Vermelha.

Os críticos do *Pravda* qualificaram o complexo de realismo socialista tropikal.

Os camaradas tentaram doutrinar os membros para que se filiassem ao Partido, mas foi em vão, foi-se o martelo, o muro já havia caído – não cairiam nessa –, viviam a nova era. Não queriam papo cabeça, estavam ali como turistas alienados, de passagem para uma Sputnik.



Roma não poderia faltar no roteiro.  
Todos sabiam um latim básico: *alea jacta est, in vino  
veritas, carpe diem, lorem ipsum* etc.

Verás que um filho teu não foge à luta.  
Desafia o nosso peito a própria morte!

Causaram no Coliseu com seu MMA modernista.  
Puseram na lona os gladiadores mais montados,  
arrancando aplausos inflamados da plateia admiradora  
do exótico, que pedia sangue, suor e sertanejo!  
MMA MMB – monumento mandou bem.



O Exército de Terracota veio ver a passagem do monumento pela Praça da Paz Celestial. Aprenderam, de vez, o que é ordem, disciplina e com quantos paus se faz uma canoa. Logo começaram a copiá-lo com materiais mais baratos nas impressoras 3-D, em cores e tamanhos variados. Tornou-se o souvenir da estação. Adquiriram um para o Borba Gato. Turistas compravam-no como sendo o exército do imperador Blê-Chê-Lê, o Glande!



A notícia espalhou-se por todo o mundo rupestre.  
Os moais da Ilha de Páscoa também queriam ter um  
contato imediato de primeiro grau com os famosos  
viajantes no tempo.  
Formalizaram o convite. RSVP.  
Data e hora acertados pelos cerimoniais,  
lá chegaram pontualmente.  
Os moais simultaneamente giraram suas cabeças  
para o interior da ilha, para ver o Monumento passar.  
Rufaram os tambores!  
“UA UA, PAPUA PAPUA!”, gritaram.  
Coitados, arrependeram-se de convidar.  
Ficaram de queixo caído diante dos esbeltos biótipos  
em desfile histórico.



Com muchas folhas de coca na cuca, engataram uma primeira y hablaran “ARRIBA HERMANOS!”  
Foram conferir Machu Picchu. Ficaram chapados!  
O império inca era mutcho loko. Doido de pedra.



Passagem triunfal por Chichén Itzá.

Do alto de suas pirâmides, sacerdotes sacrificaram  
abacaxis e melancias em sua homenagem.

Inscreveram a efeméride no calendário maia.

O maior meteorito, até então.



De passagem por London London, quiseram descansar no Hyde Park, para ver se as aves que aqui gorjeiam não gorjeiam como lá, e conferir se o Ben era mesmo Big. A rainha foi a primeira a saber.

Já o tinha visto em uma projeção de slides sobre arte brasileira, que a Scotland Yard roubou da CIA, que tinha trocado pelo Lada customizado do Gagarin na KGB, para prepará-la para a inauguração do MASP, em 68. Havia rumores de que a canoa escondia um míssil intercontinental com ogiva nuclear.

Um Caramuru daqueles!

Mas, na projeção, o monumento aparecia de cabeça para baixo – slide invertido –, pensaram, será assim mesmo, arte moderna?

Ser ou não ser?, eis a questão.

Curiosa como uma coruja, Elizabeth queria ver de perto os gigantes rupestres. Utilizou seu lado Sherlock e saiu à paisana pela porta dos fundos do palácio para conferir, ao vivo e a cores, tal possível ameaça.

Levou o slide para comparar a obra com sua reprodução. Mesmo vendo-a disfarçada, os membros do monumento, muito sensíveis, educados e bem informados, reconheceram-na, mas foram muito discretos e exclamaram “God Save the Queen!” bem baixinho.

A rainha achou familiar aquele murmúrio, mas, ao mesmo tempo, desconsiderou-o, por achar que gente tão rude não pudesse ter um inglês tão perfeito. Tirou seu smartphone da bolsinha e fez seu selfie em frente aos verdadeiros Rolling Stones.

TOP SECRET, elementar.



A escala final foi no Trilithon, o mais impressionante colosso megalítico, utilizado como alicerce no templo romano de Júpter, Jardim de Baalbek, Líbano. Este, sim, fez o monumento se curvar em sinal de respeito.

“Caceta!”, pensaram baixo.

Queriam muito empurrar um paralelepípedo daqueles para ver qual era o lance. Posicionaram-se, respiraram fundo e gritaram a palavra mágica há tanto procurada pelos arqueólogos: Brasilll! Impressionante, o megassólido deslizou suavemente, qual cisne branco em noite de lua. Conseguimos conquistar com braço forte.



The End!

OOPS! The End, não! Faltava a Disney!  
No Animal Kingdom há muita pedra falsa –  
the fake stones.

Mickey, Minnie, Donald, Pluto e Pateta logo subiram no  
barco e começaram a acenar para o grande público.  
Alguns brasileiros presentes pensavam consigo mesmos:  
“Eu conheço esse negócio não sei de onde,

dos Flintstones?”

“Seria o novo lançamento da Pixel?”,  
perguntavam os americanos, impressionados  
com a produção hollywoodiana.



Banzo!

Saudade rupestre!

Agora chega – é hora de voltar para casa!

Por mais terras que eu percorra,

Não permita Deus que eu morra

Sem que volte para lá.

Já podeis, da Pátria filhos,

Ver contente a mãe gentil.

Em tempo, a tropa lembrou: “É fevereiro! É Carnaval!”

Vamos voltar pelo Sambódromo!

Mosquetes dispararam em alegria!

Espadas foram desembainhadas.  
Flechas e lanças  
brilharam no céu da pátria nesse instante.  
Não poderia haver retorno mais apoteótico – ganharam  
o Prêmio Enredo Original: Empurra, Empurra!

E o Cristo falou:

“Quem nunca empurrou, que atire a primeira pedra!”

Back home.

Em seguida, com saudades do lar, cansados, mas  
orgulhosos de ver que pouco ou quase nada a ele se  
comparava, o monumento resolve voltar para casa.

Tinha uma pedra no meio do caminho...



Para seu desapontamento, a nova administração regional desapropriou a área e permitiu a construção do Shopping das Bandeiras, o novo point dos rolezinhos.  
Cláusula Pétreia.

Chocados com a falta de respeito pelo patrimônio público, e o silêncio das autoridades, cansados e sem ter onde morar, num surto de insanidade rupestre, decidem se atirar nas águas plácidas do lago do Ibirapuera em suicídio coletivo –  
de um povo heroico, o brado retumbante.

Nem a canoa resistiu.

Ninguém sentiu a tragédia, nenhuma notícia.

Vítimas da vaidade.

Quem foi pra Portugal perdeu lugar.

Feliz, o shopping aproveitou para fazer  
uma grande promoção!

Quem comprasse acima de R\$10,00,  
ganharia uma pedra que sobrou da obra.

Capitalismo selvagem!

criação guto lacaz  
imagens edson kumasaka  
revisão regina stocklen  
setembro dois mil e dezesseis



**NON DVCOR DVCO**